

Uma reflexão sobre a participação do Curso de Museologia na Exposição “Uma Cidade pelas Margens”

Marlise Giovanaz

Docente do Curso de Museologia UFRGS

Palavras Chave: memória LGBTI, museologia, educação em museus.

RESUMO

O artigo aqui apresentado reflete a experiência da curadoria compartilhada em uma exposição sobre a temática LGBTI acontecida no ano de 2016 pela perspectiva de uma das participantes. Problematisa e reflete sobre os processos de educação em museus desenvolvidos nesta atividade. Enfatiza a importância em introduzir a temática LGBTI nos espaços museológicos e a necessidade de qualificar os profissionais no campo para a realização desta tarefa.

Keywords: LGBTI memory, museology, museum education.

ABSTRACT

The article reflects upon the experience of shared curatorship of an exhibition about the LGBTI theme, held in 2016, from one of participants perspective. It problematizes and analyzes the education processes in museums developed in this activity, emphasizing the importance of introducing the

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



LGBTI theme in museological spaces and the need to qualify professionals in the field for the accomplishment of this task.

No ano de 2016, a partir de um convite do Grupo *Nuances* e do Museu Joaquim José Felizardo, o Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) compartilhou a curadoria e a realização de uma exposição, que foi intitulada de “Uma cidade pelas Margens”, ocorrida entre 18 de novembro e 30 de dezembro daquele ano. O objetivo da exposição era pensar qual o lugar ocupado pela população LGBTI na cidade de Porto Alegre no decorrer do século XX. O Museu Joaquim José Felizardo (MJJF) é um museu de cidade e em suas exposições temporárias abriu espaço naquele ano para os grupos chamados minoritários na ocupação do espaço político e urbano da cidade de Porto Alegre. O MJJF é aberto ao público em geral e atende à população da cidade e visitantes em geral, está situado no bairro Cidade Baixa, em um casarão do século XIX e apresenta em suas exposições questões referentes à história e à memória de Porto Alegre. Esta característica faz com que o MJJF receba comumente grupos de crianças do terceiro e quarto ano escolar, período em que a temática da história da cidade é desenvolvida com os alunos.

O Nuances - grupo de livre expressão sexual é a mais antiga associação civil LGBTI¹³⁷ do Rio Grande do Sul, tendo sido criada no ano de 1991, e desde então tem se aplicado na defesa dos direitos de livre expressão da sexualidade e na garantia dos direitos civis desta comunidade. No ano

¹³⁷ Optou-se neste trabalho pelo uso da sigla LGBTI, tendo como base a nomenclatura utilizada pela Organização das Nações Unidas.



de 2016, quando a exposição foi realizada, o grupo comemorava 25 anos de existência e de ação política e cultural na cidade.

Como professora do Curso de Museologia da UFRGS, junto com um grupo de alunos, participamos da concepção, montagem e realização da exposição. Neste trabalho pretendo explorar e analisar a atividade de mediação que foi realizada por este grupo de alunos. Por ser uma instituição que recebe uma grande quantidade de escolas o MJJF possui um serviço atuante, com coordenação própria para a mediação das visitas. Os alunos do Curso de Museologia da UFRGS têm participado já de longa data desta atividade na forma de estágios. Para esta atividade foi formado um grupo de sete alunos que ficaram responsáveis por receber o público na sala de realização da exposição. Devido ao tamanho do grupo e à diversidade dos horários que cada um realizava suas atividades, optamos por nos comunicar por um Caderno de Campo, onde seriam deixadas instruções e impressões que se considerasse importante para aqueles que atuariam nos horários seguintes. Ao final da exposição tornei-me guardiã deste material e por algum tempo não voltei minha atenção ao seu conteúdo. É da leitura destes escritos que surgiu este trabalho.

Passados mais de dois anos, a releitura deste material nos permite pensar elementos sobre a formação em Museologia que proporcionamos e de que forma nossos alunos sentem-se ao abordar temáticas ainda hoje entendidas como não tradicionais. Este texto procura refletir sobre a iconografia apresentada na exposição “Uma Cidade pelas Margens”, relacionando-a aos desafios relatados pelos mediadores na apresentação desta exposição ao público escolar e ao público em geral.

É preciso realçar a raridade deste modelo de exposição em nosso contexto, a menção ou simples presença da memória da comunidade LGBTI em espaços museais em nosso contexto ainda é exceção. Baptista e Boita (2014, p. 178) reforçam que



Começa-se a desenhar no Brasil a possibilidade de falarmos de uma museologia protagonizada por LGBT's, ou seja, uma museologia composta por um dos mais importantes pronomes da contemporaneidade, o nós, pronome que nos permite falar em coletivo, referenciar o pertencimento a uma comunidade unida por critérios de orientação sexual e afetiva, comunidade esta dotada de um sistema próprio de elementos culturais, de demandas singulares e, sobretudo, interessada na superação da homofobia.

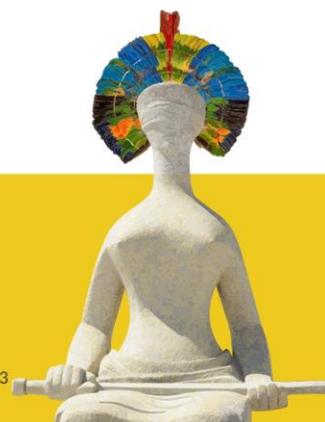
O MJJF protagonizou uma importante ação ao sediar a exposição e proporcionou à comunidade portoalegrense a possibilidade de estabelecer um debate sobre esta temática com um público amplo e diverso. Conforme Bauer (2018, p. 37) desde 2015 o MJJF já vinha trabalhando com a perspectiva da curadoria compartilhada, trazendo para dentro do espaço do museu grupos organizados da sociedade civil que resultaram em exposições temporárias sobre as memórias indígenas e da memória da cultura afrobrasileira. Esta ação do MJJF o coloca em uma posição de resistência e de protagonismo na preservação e difusão da pluralidade das memórias que compõe o universo urbano de Porto Alegre. Conforme Chagas (2009, p.44), “[...] reconhecer que existem relações entre o poder e a memória implica em politizar as lembranças e os esquecimentos”. As instituições museológicas são lugares onde há espaço para dar voz a estas memórias marginalizadas pelo discurso histórico e identitário, tem o poder de trazer aos olhos da comunidade, temáticas que as representações sociais insistem em excluir. Passados três anos deste processo é preciso dizer que ele ainda significa uma iniciativa isolada dentro da realidade museal do estado do Rio Grande do Sul.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



A curadoria compartilhada se mostrou um universo muito produtivo ao MJJF e também aos outros representantes da sociedade civil envolvidos na atividade aqui analisada. No caso da exposição “Uma Cidade pelas Margens” o grupo que se reuniu semanalmente na concepção do projeto era composto pela equipe do MJJF, pelo Nuances, pela Liga Brasileira das Lésbicas do Rio Grande do Sul (LBL- RS), pelo Igualdade RS - Associação de Travestis e Transexuais do RS, Memorial do Tribunal Federal do RS, Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde, Programa de Pós-Graduação em História e Curso de Museologia, os três últimos vinculados à UFRGS. Como relata Bauer (2018), diretora do MJJF, a curadoria optou pela concepção da narrativa expositiva a partir de dois eixos: a trajetória de indivíduos LGBTI que se destacaram na luta pela garantia de direitos civis; e por outro lado na identificação de territórios ocupados pela comunidade LGBTI na cidade de Porto Alegre. O acervo utilizado na exposição era pertencente ao Nuances, ao grupo Igualdade e ao Memorial do Tribunal Federal de Justiça de Porto Alegre. Foi escolhida como homenageada da exposição Marcellly Malta, coordenadora do Igualdade e protagonista na representação social e política das transexuais e travestis.

O que chamamos neste texto de curadoria compartilhada tem sido introduzida na prática do fazer museológico brasileiro a partir de nomenclaturas diversas, mas que resultam em ações similares. Russi e Abreu (2019, p. 20) refletem que esta

[...] tendência tem sido identificada de maneira geral pela expressão “museologia colaborativa” ou “museologia compartilhada” e tem despertado o interesse de estudos contemporâneos. Um conjunto de verbos se associa a esses processos, entre eles: participar, colaborar, compartilhar, analisar, criticar, comentar, opinar, discordar, reivindicar.



As autoras reforçam que no Brasil estas experiências têm se referido majoritariamente a museus com coleções antropológicas, especialmente as coleções referentes aos povos indígenas. Estendemos aqui neste texto o uso desta ação à realidade da comunidade LGBTI, definindo o uso do conceito de curadoria compartilhada como o processo de negociação discursiva estabelecida dentro de um grupo múltiplo de representantes, em nosso caso, a comunidade LGBTI, o campo dos museus e da memória e os pesquisadores da comunidade acadêmica.

A exposição “Uma Cidade pelas Margens” constituiu-se materialmente em uma das salas do MJJF, a entrada era marcada por uma cortina de fitas com as cores da bandeira rainbow, nos primeiros passos do percurso o visitante vislumbrava plotado no chão o “biscoito sexual”, recurso didático importante para compreender a diferença entre sexo biológico e identidade de gênero. Na parede da direita foi plotada uma grande linha do tempo, colorida e com informações históricas e imagens que recontavam a trajetória do movimento LGBTI em Porto Alegre, no estado, no país e também marcava eventos internacionais. Seguindo o percurso havia uma grande vitrine com fotografias pertencentes aos acervos do Igualdade, Nuances e da própria coleção do MJJF, estas fotografias mostravam travestis e transexuais participando de festas e eventos na cidade desde os anos 40. Como muitas das fotografias referiam-se a eventos carnavalescos, ao lado desta vitrine foram postas em uma vitrine a coroa e o cetro de Vicente Rao, um dos mais importantes reis momos na história da capital portoalegrense (exerceu a função por 22 anos). Na sequência foi apresentado um manequim com indumentária completa utilizada por uma travesti em apresentações. Seguindo o percurso o público poderia observar em uma vitrine alguns processos que se tornaram referência na justiça brasileira resultado de ações pelos direitos LGBTI e que hoje são parte do acervo do Memorial da Justiça Federal do Rio Grande do Sul. No centro da sala foi instalada uma vitrine que apresentava um mapa da região central da cidade de Porto Alegre onde estavam marcados os lugares de encontro e de confraternização da comunidade LGBTI nos últimos 50 anos. Sobre a vitrine estava um caderno

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



para que o público apontasse lugares conhecidos por eles e que não estavam marcados no mapa. Ao final do percurso havia uma televisão em que era projetada uma entrevista com Marcelly Malta, onde ela contava sua história de vida.

Segundo Cury (2013) é a comunicação que faz com que o processo curatorial se complete, é quando o visitante, juntamente com o profissional que o recebe no espaço expositivo, é introduzido no círculo da comunicação museológica, quando o que era concepção e materialidade passa a ter a potência de um discurso e da formação de novas concepções sobre o patrimônio. Acompanhar o processo de concepção de uma exposição, da montagem e receber o público na visita é uma das mais ricas experiências que podem ser proporcionadas aos alunos dos cursos de Museologia, pois este pode acompanhar criticamente o processo como um todo. Foi com esta intenção que se deu a participação do nosso Curso nesta atividade, e o caderno de campo nos permite refletir posteriormente sobre este processo.

Desde a concepção da exposição esteve presente como uma preocupação do grupo a questão de que era necessário proporcionar ao público informações objetivas sobre a diferença entre a definição de sexo biológico e de identidade de gênero. A solução escolhida foi apresentar o “biscoito sexual” no início do percurso, para permitir ao visitante uma reflexão sobre a temática. A figura do *genderbread* é uma alusão ao *gingerbread* (biscoito sabor gengibre em formato humano), que é internacionalmente utilizado com o objetivo de demonstrar a diferença entre identidade de gênero, expressão de gênero, sexo biológico e orientação sexual. Sabendo-se que parte representativa do público do MJJF são crianças de 9 a 11 anos, foi considerado estratégico colocar esta informação no início do trajeto. É importante salientar que desde o princípio do trabalho houve o cuidado do grupo em refletir sobre como lidar com o tema da homossexualidade e da transexualidade e especialmente quanto à recepção do público infantil.



No caso de crianças que faziam a visita com o grupo da escola sempre era feita a consulta aos professores ou outros acompanhantes para saber se estes concordavam com a visita. Em várias anotações do Caderno de Campo aparece esta questão. A aluna CK apontou na anotação do dia 23 de novembro um destes momentos: “a professora relatou que pode ser questionada pelos pais”. Porém quando nos debruçamos sobre os comentários das crianças, as anotações nos trazem um conjunto muito sólido, as reações foram geralmente positivas e empáticas. Somente em um dos relatos de uma visita há um comentário de que houve alguns risos por parte de um grupo.

As anotações realçam também alguns dos objetos que chamaram a atenção do público infantil, principalmente as fotografias das travestis e das transexuais, o vestido e sapatos expostos, as cores. Isto aparece por exemplo na anotação da aluna JJ, que apontou que um dos alunos comentou sobre a bandeira rainbow: “eles achavam que a bandeira LGBT era a bandeira da paz”.

Em outra anotação realizada por MO, sobre a visita de uma turma de alunos de 10 e 11 anos, a aluna relata que quando apresentados ao “biscoito sexual” demonstraram que sabiam o significado da sigla LGBT e uma das alunas traduziu seu entendimento na frase “transgênero é quando a cabeça é diferente do corpo”. Em outra anotação feita por SP esta conta a reação de um aluno do terceiro ano que ficou registrada assim: “devemos respeitar os outros, não ter preconceito, as pessoas devem amar quem elas quiserem”. Este tipo de anotação nos permite perceber que da parte do público infantil a recepção ao projeto expositivo foi positiva e que o discurso projetado encontrou nestes visitantes um interessante espaço de debate.

Em uma das anotações, feita por CA, aparece um tema interessante, no relato da mediadora aparece uma nova nomenclatura para o espaço da exposição “Uma Cidade pelas Margens”, chamada na anotação de “a Sala Colorida”. Resta perguntar o que levou alguns dos mediadores a utilizarem esta exposição, o que aconteceu provavelmente foi a apropriação de uma expressão utilizada pelo público infantil. O conceito da exposição pressupunha uma reflexão sobre a exclusão e sobre a



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

marginalização sofrida pela comunidade LGBTI em sua vida na cidade. O nome Sala Colorida retira a força crítica do título escolhido na curadoria. Por outro lado, propõe uma leveza, um tom festivo e inesperado, nos demonstrando que depois de realizada a curadoria a recepção tem níveis de liberdade e de criação.

A exposição “Uma cidade pelas Margens” acabou por realizar o que Baptista e Boita (2014, p.187) chamam de museologia inclusiva, que tinha como intenção produzir uma narrativa positiva e protagonizante, o que segundo os autores seria uma museologia LGBTI realizada

De modo multivocal, contando com a colaboração de profissionais de museus que não necessitam ser integrantes da comunidade LGBT, mas, contudo, pressupõe o uso do pronome “nós”, ou seja, aponta o protagonismo LGBT como aspecto fundamental para sua construção – nesse sentido, é uma postura afirmativa.

Podemos entender, portanto, na leitura das anotações dos participantes da atividade que o público infantil foi receptivo e elaborou a informação apresentada a eles de sua própria maneira, que se sensibilizou e se solidarizou com a temática.

Muitas das anotações do caderno falam do público espontâneo, a comunidade LGBTI esteve presente em grande número, alguns dos apontamentos falam em visitas que viraram conversas, muitas anotações de visitantes espontâneos interessados nas instituições como o Nuances, o Igualdade e a LBL-RS. Foi produtiva a coleta de informações sobre locais de encontro da comunidade na cidade, material este que é um importante acervo ainda a ser pesquisado.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

O ano da exposição foi 2016, ainda não havia ocorrido o evento da Queer Museum¹³⁸, possivelmente depois do acontecido o temor das instituições em abordar e de realizar exposições com esta temática e direcionadas ao público LGBTI tenha aumentado. A experiência da exposição “Uma Cidade pelas Margens” mostrou que é fundamental pensar e agir sobre os processos de marginalização social e cultural que a cidade e a sociedade impõem àqueles chamados de desviantes.

Permitir que nossos estudantes participem de eventos deste tipo, que reflitam sobre este tema, que tenham acesso a um arsenal teórico para tratar do assunto e finalmente que possam participar de um processo de diálogo com a comunidade a partir da curadoria compartilhada e do processo de comunicação da exposição é formar museólogos com vínculos sociais e humanos. Consideramos que é no fazer que serão transformadas concepções já arcaicas, é levando aos museus e outros espaços de memória esta temática. Baptista e Boita (2017, p. 110) nos indicam que os “equipamentos culturais públicos, [...] podem ser importantes instrumentos a servir como espaço pedagógico para um país com tanto a superar”. As exposições e os discursos que delas emergem difundem a ideia da diversidade social e garantem a preservação de uma pluralidade de memórias nos acervos museológicos. Porém ainda vale perguntar, a formação em Museologia prepara profissionais com a ousadia para trazer aos museus as travestis, os transexuais e todos aqueles que de uma forma ou de outra ainda são obrigados a viver às margens de nossa sociedade?

REFERÊNCIAS

¹³⁸ Exposição ocorrida no Santander Cultural em agosto de 2017 e fechada em setembro deste mesmo ano após ameaças de grupos conservadores, que acusaram a instituição de afrontar a moralidade da família local.



ABREU, R e RUSSI, A. (2019) *Horizontes antropológicos.*, Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 17-46, jan./abr. 2019 “Museologia colaborativa”: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas

BAPTISTA, J. e BOITA, T. Protagonismo LGBT e Museologia Social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. *Cadernos CEOM*, Ano 27,n.41. 2014.

BAPTISTA, J. e BOITA, T. Memória e Esquecimento LGBT nos Museus, Patrimônios e Espaços de Memória no Brasil. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, n.5, set. 2017.

BAUER, L; BORGES, V. “Outras Memórias , Outros Patrimônios: desafios de fazer com e para os sujeitos envolvidos”. *História Oral e Patrimônio Cultural*. SP: Letra e Voz, 2018.

CHAGAS, M. Memória e Poder, dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*.v.19, n19, 2002.

CURY, M. Educação em Museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. *Ensino em Re-Vista*, vol.20, n.1, p.13-28, jan./jun. 2013.



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3